

# *Diversidade* **Linguística** na Escola Portuguesa

**Projecto *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa*  
(ILTEC)**

## Apresentação

Em Novembro de 2005, quando apresentámos publicamente, na Fundação Calouste Gulbenkian, o primeiro CD-ROM com os resultados da investigação levada a cabo na fase inicial do nosso Projecto, dizíamos:

*Chegou a altura de procurarmos todos saber, de uma forma sistemática, rigorosa e oficialmente apoiada, que línguas existem nas nossas escolas. Chegou a altura de desocultar as que estiveram escondidas, com as suas culturas próprias, de as estudarmos e valorizarmos e de compreendermos as implicações que todas têm na aprendizagem do Português e nas aprendizagens em geral*

Isso fez – e fará – este novo Projecto.

Nesse primeiro CD-ROM, procurámos trazer à *luz* as múltiplas facetas da diversidade linguística que encontramos nas nossas escolas. Chegou agora o momento de reflectir sobre elas e de retirar, dos dados recolhidos, informações que permitam não só compreender as suas implicações na aprendizagem da língua portuguesa, mas também conceber formas de actuação pedagógica e didáctica mais eficazes, no respeito pelo desenvolvimento linguístico harmonioso dos alunos, em contexto multilingue.

Na primeira fase do Projecto, criámos e aplicámos um conjunto de testes que permitiram recolher dados sobre alguns aspectos da compreensão e da produção, em língua portuguesa, de alunos falantes de quatro outras línguas maternas: Cabo-verdiano, Mandarim, Guzerate e Ucraniano. Esses testes incidiram, em particular, sobre:

- a **nomeação oral e escrita** de objectos, a partir de imagens simples;
- a **descrição oral** de imagens mais complexas, em Português e na **língua materna**;
- a capacidade de **compreensão** do discurso oral, a partir de um conjunto de perguntas sobre alguns vídeos previamente apresentados;
- a **produção oral**, em situação de **entrevista**;
- a recriação de **actos linguísticos** próprios da oralidade;
- a **narração, por escrito**, de uma curta sequência de acontecimentos, a partir de uma banda-desenhada.

Os dados assim obtidos permitiram-nos analisar, em termos globais e em cada grupo de língua materna diferente, entre outros aspectos:

- os problemas ortográficos mais frequentes;
- as dificuldades a nível do vocabulário (familiar e escolar);
- os problemas sintácticos mais comuns (concordâncias, uso das preposições e dos artigos adequados...);
- o modo de estruturação textual próprio da narrativa;
- a adequação de alguns actos linguísticos, como os directivos;
- a capacidade de compreensão do discurso oral.

Os resultados da análise dos dados de cada um dos grupos linguísticos foram então comparados de modo a extrair algumas conclusões sobre a especificidade, ou não, das características e dos problemas detectados, em cada grupo e em cada ano de escolaridade.

Nos casos em que uma determinada característica tinha um elevado grau de incidência num grupo específico, procurámos uma relação com a língua de origem, no pressuposto de que algumas interferências da língua materna, se não forem detectadas, desocultadas e corrigidas, podem levar à cristalização dos erros e ao atraso no processo de aquisição da língua não materna.

Verificámos, ainda, quais os traços linguísticos dos grupos de outras origens que mais se afastavam dos do grupo de língua materna portuguesa, procurando identificar aqueles que podiam interferir nas produções dos alunos em Português.

Estamos cientes de que aprender uma língua é um processo complexo, idiossincrático, que envolve múltiplos factores, em que assumem extrema importância a motivação, as oportunidades de exposição a formas diversificadas da língua e de interacção com os seus falantes em situações comunicativas “naturais”.

As actividades linguísticas da sala de aula devem, pois, contribuir para desenvolver, no aluno, a apetência pela aprendizagem, ao mesmo tempo que:

- o apoiam na construção de gramáticas cada vez mais próximas das dos falantes nativos, dando-lhe oportunidades de comunicação e de exercício da língua e fornecendo-lhe expressamente dados a que antes não teve acesso ou a que não prestou atenção;
- o orientam na descoberta dos seus “pontos fracos” (falta de vocabulário, estruturas agramaticais recorrentes, desadequação na escolha dos tempos verbais em textos narrativos ou descritivos, etc.);
- o estimulam para fazer comparações com a sua língua materna;

- Ihes permitem memorizar vocabulário e treinar ou exercitar estruturas e formas de expressão “mais difíceis”.

Tendo em conta os três últimos aspectos referidos, propomos aqui alguns exercícios ou actividades de treino das áreas linguísticas problemáticas detectadas, quer no conjunto dos grupos, quer em cada grupo em particular. Com estas actividades, que são especialmente concebidas para o desenvolvimento da língua portuguesa, não queremos – como não poderíamos querer, num Projecto denominado *Diversidade Linguística na Escola Portuguesa* – minimizar a importância das línguas maternas presentes na aula. Pelo contrário, esperamos que todos os alunos (de língua materna portuguesa ou não) sejam levados a compreender o valor das suas línguas e as vantagens do bilinguismo e do plurilinguismo individual. Propomos, pois, que cada actividade linguística seja acompanhada de uma explicação simples sobre o seu papel no processo progressivo de aprendizagem do Português enquanto língua não materna. Quando necessário, os alunos deverão ser estimulados no sentido de contrastar as unidades sonoras e lexicais, as estruturas e os significados da nova língua com os da sua própria língua.

Não podemos esquecer, por outro lado, que estes alunos estão actualmente inseridos num sistema escolar em que o ensino do Português foi concebido a pensar essencialmente nas crianças e jovens que falam Português como língua materna. Os alunos vindos de outros países ou com origens, línguas e culturas diferentes, excepto nas aulas que lhes serão especialmente dedicadas de acordo com a legislação actual, convivem com os seus colegas de língua materna portuguesa, na mesma aula, em todos os outros tempos lectivos.

É nesse contexto que cabe ao professor gerir os exercícios que lhe propomos. Se alguns têm um grau de complexidade que, com adaptações, podem ser realizados, com vantagem, também pelos alunos portugueses (como é o caso das actividades de desenvolvimento do texto narrativo), outros, pelo contrário, seriam para eles, naturalmente, objecto de desinteresse e de desmotivação (nomeadamente os exercícios de consolidação vocabular). Uma das soluções a adoptar, nesse caso, poderá ser o apelo ao espírito de entreajuda. Os alunos que dominam melhor a língua, alertados para as necessidades específicas dos seus companheiros e para as razões das suas dificuldades linguísticas, poderão assumir o papel de seus modelos e seus orientadores no processo de aprendizagem. O esforço que fizerem para a explicação dos fenómenos implicados nas actividades propostas aos colegas será, também para eles, um excelente exercício de reflexão sobre a língua.

Esperamos que o percurso que seguimos possa servir de inspiração para os professores que recebem nas suas aulas alunos de outras línguas maternas diferentes do Português. Esses alunos merecem ser conhecidos: de onde vêm, que línguas falam, quais os seus medos e desejos, o que é que sabem e gostariam de saber, quais os seus modos de aprendizagem, o seu mundo de

referências, as suas dificuldades... Merecem um diagnóstico sociolinguístico, como lhe chamámos. E também um diagnóstico linguístico. Mas não basta colhermos informações. Temos de as analisar de forma a encontrar padrões de comportamento, distinguindo o que é accidental, ou que está em processo de mudança, daquilo que parece constituir um problema para os alunos.

Para tanto, desenvolvemos alguns modelos e grelhas de análise das suas produções orais e escritas e também das suas respostas aos testes de compreensão, incidindo sobre vários aspectos de ordem gráfica, gramatical e textual.

Uma vez aplicados, poderão os professores, com mais segurança, escolher as actividades e exercícios que melhor ajudarão o aluno na sua aprendizagem, tendo em conta que alguns dos padrões problemáticos recorrentes são, muitas vezes, fruto da interferência da língua materna. O conhecimento das estruturas básicas das línguas maternas e dos aspectos culturais que modelam ou influenciam o comportamento do aluno (informação já apresentada no CD anterior mas que aqui voltamos a apresentar) poderá ser um bom guia na leitura dos dados recolhidos e nas escolhas das actividades a desenvolver.

O que temos então para oferecer?

- dados linguísticos recolhidos junto dos alunos falantes nativos de Português, de Cabo-verdiano, de Ucrainiano, de Guzerate e de Mandarim;
- metodologias de recolha de dados que poderão ser aplicadas noutros contextos e relativamente a outras línguas;
- metodologias de análise de dados, em diferentes áreas do uso da língua;
- conclusões das análises dos dados recolhidos e implicações para o ensino da língua;
- sugestões para a leitura dos dados, a partir de informações sobre as características específicas das línguas maternas e do contraste com o Português;
- textos sobre algumas questões teóricas, no âmbito da Linguística, que poderão apoiar a compreensão dos fenómenos linguísticos que foram objecto do nosso estudo e que poderão vir a ser também objecto – esperamos – da investigação futura dos professores, em domínios afins;
- textos sobre práticas do ensino do Português em contexto de diversidade linguística;
- materiais de apoio para professores e alunos, incluindo:
  - vocabulários
    - uma lista bastante vasta com vocabulário da casa;

- uma lista com vocabulário específico da escola, nomeadamente, o vocabulário que, nos manuais escolares, é usado para o enunciado das questões;
- actividades linguísticas de vários tipos
  - exercícios lacunares para a ortografia e para a consolidação do vocabulário e da sintaxe do texto narrativo;
  - exercícios de transposição, para a escrita, de palavras gravadas, em particular para a consolidação da ortografia;
  - exercícios de escolha múltipla, para o desenvolvimento de actos linguísticos;
  - construção de histórias, para o desenvolvimento da capacidade de produção do texto narrativo;
  - exercícios de exploração de bandas-desenhadas, para o desenvolvimento da capacidade de elaboração de diálogos escritos.

Este segundo CD-ROM não esgota nem as possibilidades de análise e compreensão dos dados linguísticos recolhidos junto dos alunos, nem os modos de explorar essas análises em favor de novas metodologias e estratégias de ensino do Português em contexto multilingue. Esperamos, assim mesmo, que constitua um estímulo e um ponto de partida para novas investigações e actuações pedagógicas e didácticas por parte dos professores. Com eles quisemos partilhar o nosso desejo de conhecer melhor e de valorizar, junto da comunidade plurilingue que hoje somos, a *diversidade linguística na escola portuguesa*.